



Traduzido e adaptado pelo CMG (FN-Ref) Newton Prado
sotran@bol.com.br

Medo, Coragem e Coesão

Captain Arthur M. Smith, Medical Corps. U.S. Naval Reserve (Proceedings, Nov/1994)

As baixas nas guerras ocorrem não somente em consequência de ferimentos físicos, mas por ferimentos na mente, especialmente durante períodos de intenso combate. Durante a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, um sétimo das baixas britânicas foram diagnosticadas como “trauma pós-explosão” (*shell shock*); e estes casos responderam por 20% das dispensas. Os Estados Unidos, que entraram mais tarde na guerra, tiveram, em combate, 116.000 mortos e 200.000 feridos, além de 106.000 baixas psiquiátricas, das quais 25.000 necessitaram afastamento do serviço.

Quando a Segunda Guerra Mundial começou, os EUA procuraram deixar de fora aqueles que apresentavam sinais de que não suportariam o estresse do combate. A despeito da exclusão de mais de 800.000 potenciais militares por razões “emocionais e mentais”, os serviços médicos militares americanos ainda tratariam quase um milhão de casos com “fadiga de combate”. Ao final, deste total, foram dispensados, aproximadamente, 500.000 indivíduos, o equivalente a quase trinta divisões. Mesmo durante os estágios iniciais do conflito da Coreia, baixas psiquiátricas ocorreram em números bastante elevados (com médias alcançando 240 para cada 1.000 soldados) durante o combate mais intenso em redor de Pusan.



O ambiente de combate

“A principal característica do soldado com uma neurose induzida é que ele se torna uma pessoa amedrontada, solitária e desamparada cujas relações interpessoais foram quebradas... Ele perdeu o sentimento de que era parte de um poderoso grupo e, em lugar disto, tornou-se uma pessoa solitária e assustada, cujos esforços para se proteger estão condenados ao fracasso.” Estas são as palavras de um psiquiatra militar, descrevendo as baixas que

tratou – inicialmente, soldados competentes, mas que cujas reações emocionais ao estresse de combate tornaram-se ineficazes de modo que não podiam valer-se delas para defenderem a si próprios ou aos que os cercavam. A resistência do pessoal militar pode ser enfraquecida, substancialmente, por exposição ao combate, mau tempo, privação do sono, desidratação e nutrição deficiente, fadiga física, doenças e ferimentos menores. Barulho, vibração, fumaça e falta de oxigênio criam um estresse adicional. Na verdade, 44 dias de combate ininterrupto na Itália, durante a 2ª Guerra Mundial, causaram uma proporção de baixas psiquiátricas na 2ª Divisão Blindada do exército americano da ordem de 54%.

As batalhas de guerra de atrição, envolvendo assaltos a áreas fortemente defendidas, tendem a produzir muitos casos de fadiga de combate entre atacantes e defensores. Estudos anteriores de moral em combate enfatizaram também os efeitos de novos e estranhos armamentos. O uso de gás na 1ª Guerra Mundial, carros-de-combate, assim como ataques aéreos na 2ª Guerra Mundial tiveram, inicialmente, um impacto psicológico muito maior do que efeitos físicos. O temor de ataques nucleares e/ou químicos, combinados com uma generalizada falta de experiência em relação aos efeitos de armas convencionais usadas com elevada intensidade, poderão criar o mesmo efeito psicológico em conflitos modernos de alta intensidade.

A fraternidade misteriosa

A eficiência em combate não é inteiramente resultado da estrutura organizacional de uma força militar. Um comportamento eficiente em combate é, em última análise, uma condição humana, refletindo-se sobre as pessoas como um conflito permanente entre o sentimento do dever e um desejo de sobreviver. Esta dimensão humana, incluindo o relacionamento entre soldados, é crítica para a habilidade de qualquer unidade militar atuar sob fogo.

A guerra árabe-israelense do Yon Kippur, em outubro de 1973, foi o primeiro conflito, entre forças principais de um exército, usando armamento não-nuclear e táticas que caracterizaram o final do século XX. Sob condições de estresse muito elevado e hostilidade, israelenses, menos numerosos, manobraram suas unidades logrando conter os maciços efetivos de seus oponentes, enquanto mantinham a integridade de suas unidades e seu desempenho, invertendo a sorte da guerra a seu favor. Eles combateram em operações contínuas e escalonadas, a despeito do uso, pelo inimigo, de armamento apropriado para perturbar o comportamento e a performance do combatente individual em nível bastante elevado.

Fontes israelenses indicam que 40 a 50% das baixas,

durante três semanas de intenso engajamento, foram relacionadas ao estresse de combate. As baixas egípcias, de mesma natureza, aproximaram-se, igualmente dos 50%. As Forças de Defesa Israelenses, unidades altamente coesas e dispostas de forte liderança, fortes laços entre seus integrantes e sólida autoconfiança como unidade, sofreram menos baixas motivadas pelo estresse de combate, apresentando-se com melhores possibilidades de reorganização depois do combate. Unidades altamente coesas foram capazes de manter-se em combate com eficiência mesmo com níveis de baixas excedendo 50%. Com isso, nota-se que a sobrevivência de uma unidade de combate não está essencialmente ligada ao número de baixas, mas ao fato de ser uma consequência de outras características intangíveis da unidade.



A dinâmica do grupo é crítica para manter a resistência ao estresse de combate. Como observou, em uma ocasião, o historiador S. L. A. Marshall, “Eu acredito que seja uma das mais simples verdades da guerra a que diz: o que permite a um soldado de infantaria continuar combatendo com seu armamento é a presença próxima ou presumida de um companheiro”. A manutenção de fortes laços emocionais entre companheiros é o estímulo impulsionador que encoraja um soldado a combater, mesmo em situações aparentemente sem esperanças, deixando em segundo plano sua segurança e seus temores pessoais.

Laços psicológicos entre pessoas que se conhecem e confiam umas nas outras são vitais para a manutenção de um desempenho militar eficaz. Eles também minimizam a probabilidade de indivíduos ou grupos sucumbirem aos terrores do combate. A frase “coesão da unidade militar” define o universo de laços que mantém unido um grupo de soldados. Pesquisas anteriores têm demonstrado a eficácia da coesão de uma unidade em prevenir a desintegração psicológica e de desempenho em combate. Tais estudos foram realizados pelo Exército alemão durante a 2ª Guerra Mundial, pelo Exército dos EUA, tanto na 2ª Guerra Mundial quanto na Guerra da Coreia, e pelo Exército de Israel logo após a Guerra do Yom Kippur em 1973.

A coesão de uma unidade militar, historicamente, tem se embasado no apoio e na coerência advindos do fato dos membros se sentirem como partes de um todo disciplinado. O grupo provê estrutura e significado ao que, de outro modo, seria apenas um punhado de pessoas descompromissadas umas com as outras; torna-se um lugar acolhedor unindo as vidas de todos os participantes. Como membros valorizados de um grupo forte, os soldados lutam – não por Deus ou seu país – mas pelos seus companheiros, por seus líderes e pela sua própria reputação com ambos. Um estudo clássico do Exército alemão confirmou que unidades permanecem unidas sob severo estresse de combate, principalmente por causa da lealdade. Os soldados alemães, seus graduados e seus oficiais formavam o tecido de apoio a fortes relações pessoais geradas pelas experiências de combate. Os soldados sentiam a responsabilidade por seus pares e superiores, nascida da vivência partilhada de riscos, de situações difíceis e da confiança mútua.

Em apoio a esta necessidade de coesão física e psíquica, desenvolveu-se uma ênfase em comportamentos “corporativos” nos exercícios em campanha, nas paradas e nos quartéis, permitindo maior convivência entre elementos de um mesmo grupo.

Este modelo geral de organização e tática influenciou os exércitos desde épocas mais remotas até a 1ª Guerra Mundial. Nas Legiões Romanas, os laços físicos e a orientação dos exercícios eram reforçados pelo ordenamento social, identificação entre os membros do grupo e forte companheirismo. Similarmente, entre os militares dos EUA, iniciando durante a Guerra Civil, o grupo de combate era formado pelo mesmo grupo de rancho e que utilizava a mesma barraca de campanha. As realidades sociais, de adestramento e táticas reforçavam-se reciprocamente, propiciando melhor performance em combate.

Um estudo detalhado de três famosas batalhas inglesas – Agincourt, Waterloo e do Somme – foi conduzido para analisar por que os homens se mantinham unidos em combate, a despeito do enorme estresse. Foi verificada uma clara inexistência de razões ideológicas. Por outro lado, a coesão mostrou-se fruto das dificuldades, do risco e do sofrimento partilhados por todos os envolvidos – oficiais, graduados e soldados. A pequena fração tornara-se o foco de intensas ligações pessoais, quase “monásticas”, pelas quais os mais elevados atos de bravura eram motivados. Os homens pareciam querer morrer por seus companheiros – e não por ideais grandiosos ou sistemas militares.

Como é possível depreender, a coesão militar é, assim, um complexo produto de múltiplos componentes. Ela integra igualdades e desigualdades em uma organização social.

O impacto das táticas do combate moderno

De acordo com o formato tático da guerra moderna de alta intensidade, novos fatores de estresse e exigências são colocados sobre o soldado e os elementos de combate. Para minimizar os efeitos destrutivos das novas armas sobre a concentração de forças, os efetivos são distribuídos em pequenas frações de combate. Consequentemente, os exércitos tornaram-se mais descentralizados e organizados de forma celular, ocorrendo a substituição dos grupos do tipo “ombro a ombro” e “face a face” que, tradicionalmente, aliviavam o estresse e reforçavam o comportamento e o desempenho em combate. Esta mudança trouxe a necessidade de intensificar a solidariedade psicológica entre os integrantes de uma unidade.

Estudos de avaliação da eficiência em combate de pequenas frações ou unidades têm demonstrado a existência de um conjunto bem definido de comportamentos, expectativas e padrões de decisão em tais situações que permitem à unidade/fração dispersa, com pobre ou nenhuma comunicação, cumprir sua tarefa de forma compartilhada.

Alguns críticos têm alegado que, exceto com relação às unidades de elite ou forças especiais, a construção da coesão não tem sido uma grande preocupação das forças armadas dos EUA (a despeito de provas cabais de sua importância – nota do tradutor). Esta negligência institucionalizada tem sido atribuída a um grupo de fatores interrelacionados:

- Na maior parte deste século, o Exército americano foi apoiado em uma base de conscritos que, exceto na 2ª Guerra Mundial, deles exigia um período inicial de dois anos de compromisso. Esta obrigação contribuía para uma permanência máxima na unidade de cerca de 18/20 meses, logo após o treinamento básico;
- Outro fator de profunda importância era o sistema de recompletamento de pessoal do Exército, em que soldados eram “definidos” como partes intercambiáveis em sistemas que, fundamentalmente, requeriam deles que estivessem aptos a realizarem tarefas apenas “como números”. O desempenho da unidade em combate era considerado, assim, como a soma das habilidades e dos comportamentos individuais dos soldados; em resumo, o grupo ou unidade era tão somente um instrumento nunca maior do que a soma de seus componentes.

Tais visões foram reforçadas, posteriormente, pela aceitação de operações militares focadas e planejadas essencialmente na tecnologia, e não na estrutura e na natureza dos grupos humanos que as realizavam.

Harmonizando coesão com intensidade do combate

Existem outras razões para essa referida desatenção com a coesão de unidades militares em situação de combate. Paradoxalmente, uma delas foi à percepção do sucesso de políticas implementadas durante os períodos de guerra para redução de baixas por razões psicológicas. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi observado que o tempo de exposição ao combate, considerando-se a intensidade deste combate, era o principal fator de risco para a indução de baixas psicológicas. Em níveis típicos de combate, que ocorreram nos teatros de operações da Itália e do Mediterrâneo, um significativo número de baixas psicológicas aconteceu a partir de 150 dias ou mais de exposição no campo de batalha. Na verdade, na campanha da Itália, as vítimas não eram soldados recém-chegados, mas, sim, veteranos endurecidos na África do Norte e na Sicília. O estresse manifestou-se não tanto pelo terror, mas pelo desânimo, com soldados queixando-se não por estarem doentes, mas, simplesmente, cansados e sentindo-se não mais capazes de prosseguir na ação. Em combates de alta intensidade, como na invasão da Normandia, baixas, por níveis equivalentes de estresse, aconteceram em um espaço de 20 a 30 dias.

Após a 2ª Guerra Mundial, durante as guerras limitadas da Coreia e do Vietnã, foi adotada a decisão, para minimizar as taxas

potenciais de estresse psiquiátrico, de reduzir o tempo de exposição dos soldados ao combate. Naturalmente, isto também dependia dos recursos humanos possíveis de se obter, bem como da natureza daqueles conflitos. A tal política é dado o crédito de reduzir as taxas clássicas de baixas psicológicas.

Tanto a Guerra da Coreia quanto a do Vietnã, contudo, podem ser classificadas, genericamente, como guerras de baixa a média intensidade, dentro dos parâmetros da guerra moderna. Com exceção dos primeiros desastrosos meses do conflito coreano, a maioria das unidades foi introduzida ao combate em níveis de intensidade adequados para permitir um rápido teste e o desenvolvimento do conhecimento, da confiança e do nível desejável de relacionamento entre os integrantes das organizações. Mais tarde, a natureza episódica da luta no Vietnã, mesclando patrulhas de curta duração com bases relativamente seguras, concomitantemente com o controle aéreo americano e uma relativa liberdade em relação a ataques da artilharia inimiga, contribuíram para um menor estresse de combate.

Os “ganhos” da Coreia e do Vietnã podem assim ser vistos como positivos, no contexto da guerra de baixa intensidade. Contudo, eles não foram soluções para o problema da resposta humana ao estresse do moderno combate de alta intensidade. Em virtude do aumento da letalidade, da violência e do ritmo, os futuros conflitos contêm a probabilidade de serem definidos nas primeiras semanas do enfrentamento.

A forma como planejamos conduzir a guerra futura, tal como a doutrina da “Batalha terra-ar” do Exército, também utiliza forças pesadas, rápidos ataques, envolvimento e penetrações profundas. Além disso, a pior hipótese de conflito no futuro pode vir a ocorrer sem os seis meses para preparação como ocorreu nas operações “Escudo do Deserto” e “Tempestade do Deserto”.

O fundo do poço

A cola que mantém a estabilidade emocional na guerra é, sem qualquer dúvida, complexa, e muitos fatores podem atuar sobre os instintos de coragem dos soldados. Juntos, no entanto, eles têm a capacidade de determinar a vitória ou a derrota de uma nação em guerra.

Lord Moran, um médico psiquiatra inglês e veterano das duas Guerras Mundiais, declarou em suas memórias:

“A coragem de um homem pode ser correlacionada com seu capital moral, e ele está sempre gastando”. O fator mais significativo, neste sentido, pode ser o desgaste diário por estar submetido a intensas cargas de tiros ou bombardeios, rodízios de serviços incessantes a bordo de um contratorpedeiro nos mares mais ao norte, durante o inverno, repetidas missões de bombardeio de elevado estresse, ou uma batalha sangrenta. O desgaste da vontade de um homem pode dar-se também, mais lentamente, por força da monotonia, exposição ambiental, exaustão física, ou



perda do apoio de companheiros dos quais ele se acostumara a depender.

Por outro lado, pode ocorrer um súbito desgaste traumático, de maiores proporções, que traz enorme ameaça àquele capital referido. Quando o capital moral e emocional de um indivíduo é completamente exaurido ele (ou ela) está acabado.

Nota: O Comandante Smith era, então, um instrutor de reservistas da Marinha na Universidade de Ciências Médicas em Bethesda, Maryland, onde ele exercia os cargos de Professor Clínico de Cirurgia e Professor Clínico de Medicina Militar e Emergência. Ele também exercia cátedra em tempo integral no Colégio de Medicina da Geórgia, em Augusta, Geórgia, onde servia como professor de Cirurgia. O Comandante Smith foi o Autor do Ano do *Proceedings* em 1988.



CF (FN) Osmar da Cunha Penha
osmar@ciasc.mar.mil.br

A Teoria da Guerra de Manobra

A Guerra de Manobra não é algo novo. O primeiro caso claramente registrado na história parece ter sido a Batalha de *Leuctra* em 371 a.C. Nesta batalha, os tebanos, liderados por Epaminondas, venceram graças a um surpreendente ataque contra o flanco direito da falange Espartana. Outro grande exemplo registrado foi à vitória de Haníbal sobre os romanos em *Cannae* em 216 a.C., considerada uma das mais decisivas ações táticas de todos os tempos. A história moderna oferece vários outros exemplos: Rosecranz em *Chattanooga*, General Grant em *Vicksburg*, e a campanha do General Jackson durante a Guerra Civil Americana; as táticas de infiltração alemã durante a 1ª Guerra Mundial (1ª GM); a *Blitzkrieg* durante a 2ª Guerra Mundial (2ª GM); e os ataques do General Sharon por meio do Canal de Suez em 1973.

Por que considerar todos esses casos como exemplos de Guerra de Manobra? O que vem a ser “manobra”? Por vezes, esse termo é usado como sinônimo de movimento, como na manobra de pequenas unidades táticas utilizando “fogo e movimento”. Manobra, como definida pelo coronel russo F. D. Sverdelov em seu estudo intitulado “Manobra Tática”¹, deve ser entendida como o “movimento organizado de forças durante as operações de combate de forma a alcançar uma posição vantajosa em relação ao inimigo, permitindo o desencadeamento das ações decisivas”. Entretanto, quando empregamos o termo na expressão *Guerra de Manobra*, “manobra” significa muito mais. Isto é exatamente o que todos os casos históricos mencionados têm em comum e a Teoria da Guerra de Manobra busca responder a pergunta: qual a essência do sucesso em todos esses casos?

Somente durante a década de 1980, o Coronel John Boyd, então piloto de caças da reserva da Força Aérea dos

Observação: A intenção do tradutor deste artigo foi oferecer subsídios ao debate de dois aspectos julgados importantes: coesão em combate e estresse em combate. A principal motivação para esta iniciativa é o fato de que os Fuzileiros Navais, como integrantes da MB, já de longa data vêm participando de Forças de Paz, bem como, mais recentemente, de Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Ambas as operações citadas são, reconhecidamente, capazes de gerar níveis de estresse variáveis com conseqüências na saúde e no desempenho dos militares envolvidos.

Em 2009, foi incluído o tema “Estresse em Combate” na relação de Monografias do Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM), na Escola de Guerra Naval (EGN), objetivando criar tal área de pesquisa, particularmente para Oficiais do Corpo de Saúde, sem excluir outros que queiram abordá-la. Contudo, o tema não foi selecionado por nenhum aluno. Repetido em 2010, novamente não foi escolhido (nota do tradutor).

EUA, expôs uma resposta convincente. Sua tese para a teoria da Guerra de Manobra começa, não com os combates terrestres, mas, sim, com a análise de exercícios de combates aéreos conduzidos na Base Aérea de Nellis em 1974. Tais exercícios o levaram a rever os estudos dos combates aéreos ocorridos durante a Guerra da Coreia, da qual participara e onde os pilotos americanos obtiveram grande sucesso, vencendo seus opositores coreanos e chineses na razão de 10:1. A questão levantada por Boyd foi: “como e por que nos saímos tão bem?”

Boyd notou que, em relação a diversos parâmetros de *performance*, o MiG-15, principal caça comunista à época, era superior aos F-86 americanos. Entretanto, em relação a dois parâmetros, aparentemente de menor importância, o F-86 era melhor: o primeiro era a visão do piloto de dentro da cabine; e o segundo era um sistema hidráulico de comandos mais eficiente. Isto significava que, enquanto o MiG-15 podia, em termos de ações individuais, acelerar, subir e realizar curvas melhor que o F-86, este, por sua vez, era capaz de passar de uma ação a outra mais rapidamente, dada a melhor observação dos pilotos e as melhores respostas do sistema hidráulico. Utilizando-se dessas duas características superiores, os pilotos americanos desenvolveram uma tática de aproximação que forçava os MiG a reagirem a uma série de ações. A cada mudança nessas ações, o F-86 ganhava uma vantagem temporal, uma vez que seu piloto podia ver em melhores condições a evolução da situação e fazer sua aeronave passar a uma nova ação mais rapidamente. A cada ação que era realizada, as reações dos MiG se tornavam mais inapropriadas, até o ponto em que o MiG oferecia ao piloto do F-86 uma excelente condição de tiro. Frequentemente, os pilotos dos MiG aparentavam perceber o que lhes estava acontecendo, levando-os ao pânico e à paralisia.

Posteriormente, o Cel Boyd iniciou seus estudos sobre

¹ SVERDLOV, F. D. Coronel. *Manobra Tática*. In: LIND, William S. *Maneuver Warfare Handbook*. Boulder, Col.: Westview, 1985. p. 4